



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de atos com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez**

**Maracaibo-Venezuela, 16 de janeiro de 2009**

Meu caro amigo Presidente da Venezuela, Hugo Chávez,  
Companheiros ministros venezuelanos,  
Companheiros ministros brasileiros,  
Empresários da Venezuela e empresários do Brasil,  
Companheiros da imprensa brasileira e da imprensa venezuelana,

Quando, algum tempo atrás, eu e o presidente Chávez combinamos fazer pelo menos quatro reuniões por ano, possivelmente algumas pessoas pensaram que o Chávez ia ter overdose de Lula e Lula iria ter overdose de Chávez. Alguns não compreendiam porque eram necessárias tantas reuniões. Ontem, Chávez, eu assumi o compromisso com o Evo de que também vou fazer quatro reuniões por ano com ele em cidades fronteiriças, para que a gente possa resolver mais rapidamente os nossos problemas.

Eu queria aproveitar esta oportunidade de assinatura de acordos e de visita a um projeto de irrigação, combinado com o extraordinário projeto habitacional, para dizer a vocês todos e sobretudo à imprensa que essa quantidade de reuniões que Chávez e eu temos feito, e que pretendo fazer com outros presidentes da América do Sul, é para tornarmos mais ágeis os acordos que firmamos. Não quero mais fazer críticas à burocracia, nem brasileira e nem venezuelana, até porque os burocratas são extremamente necessários. Mas, às vezes, um acordo que firmamos por “n” problemas demora seis meses, um ano, um ano e meio para acontecer. E essas reuniões têm permitido que consigamos avançar a cada reunião que fazemos.



O momento que estamos vivendo no mundo hoje e as decisões que estamos tomando para unificar a América do Sul exigem que tenhamos mais competência, mais ousadia e, eu diria, mais rapidez. O processo de integração da América do Sul, que aos olhos de alguns parecia impossível, está acontecendo. A América do Sul vive, possivelmente, desde a descoberta espanhola e portuguesa, desde a independência dos países de língua espanhola e da independência do Brasil, possivelmente esteja vivendo o seu melhor momento de governantes progressistas.

Nas eleições que têm acontecido na América do Sul, fica cada vez mais demonstrado ao mundo que o povo um pouco que se cansou da mesmice do século XX. E o povo resolveu então escolher outros governantes. Parece ironia do destino, mas pessoas que estavam quase predestinadas a nunca chegar à Presidência da República, chegaram. A começar pelo Presidente Chávez, que conheci em 1992, se não me falha a memória em Cuba, que me parece tinha acabado de sair da prisão porque tinha tentado dar um golpe na Venezuela. E eu pensava: eu acho que esse golpista nunca mais chegará a ser Presidente da República da Venezuela. Pouco tempo depois, Chávez era eleito democraticamente, para Presidente da República da Venezuela.

Depois vieram as minhas eleições no Brasil. Eu particularmente já estava cansado de perder eleições. Eu perdi em 82, para governador do Estado de São Paulo, perdi em 89, perdi em 94 e perdi em 98. Havia companheiros meus que ficavam torcendo para que eu desistisse. E eu tinha a convicção de que era apenas uma questão de tempo, que eu ia ganhar as eleições.

Uma vez, em 1982, eu fui candidato a governador do Estado de São Paulo. Tive 1,2 milhão de votos. Eu me senti, Chávez, o mais frustrado dos seres humanos. Eu pensei em desistir da política. Porque nós fazíamos comícios muito grandes, o que eu dava de autógrafos daria para me eleger. E o último comício que eu fiz, no centro de São Paulo, me convenceu de que eu iria



ganhar as eleições. Ao terminar as eleições, eu tinha obtido somente 10% dos votos. Ou seja, frustração que eu pensei que não iria superá-la. Logo em seguida eu fui a Cuba e tive uma conversa com o Fidel. E estava comentando com o Fidel que eu estava pensando em nunca mais ser candidato, porque eu tinha me convencido de que trabalhador não votava em trabalhador. Não era tão simples assim: um dirigente sindical ser candidato a alguma coisa e achar que todos os trabalhadores votariam nele somente pelo fato de ele ser trabalhador.

E no momento de maior desânimo, Fidel me fez a seguinte pergunta: “Lula, você conhece algum lugar do mundo no qual um trabalhador, um operário, já tenha obtido 1,2 milhão de votos? É só pegar a história das eleições no mundo que você vai perceber que o que aconteceu em São Paulo com você foi um feito histórico, ou seja, um operário ter 1,2 milhão de votos na primeira eleição que disputou”.

Aquilo me animou. Embora o Fidel nunca tivesse participado de uma eleição, eu falei: esse conselho é um conselho bom. E voltei com disposição de continuar fazendo política. Depois de três derrotas, eu cheguei à Presidência da República do Brasil. Nas primeiras conversas que tivemos Chávez e eu, começamos a sonhar com uma perspectiva de integração da América do Sul. Logo em seguida veio a eleição do companheiro Kirchner; depois a eleição mais tarde do companheiro Tabaré; já tínhamos Lagos no Chile e depois Michelle; depois a eleição de Evo Morales; mais tarde a eleição de Rafael Corrêa, e mais recentemente a eleição do Lugo.

Se um historiador resolver escrever um livro sobre as mudanças na América do Sul, ele vai constatar que é um momento ideológico sem precedentes na América do Sul. Agora aumenta nossa responsabilidade. Por quê? Porque precisamos provar que a esquerda, ao chegar ao governo, tem competência para governar. A vida inteira, Chávez, sofremos as acusações de que nós éramos bons para discursar mas não tínhamos competência para



governar. Aqui, Chávez, tem muitos empresários brasileiros, que hoje são meus amigos, e que durante muito tempo tiveram muita desconfiança se era possível ganharmos as eleições e fazermos a coisa acontecer.

Aqui na Venezuela eu tenho certeza de que aconteceu a mesma coisa, com o Evo Morales aconteceu a mesma coisa. E o que nós temos percebido? É que os indicadores econômicos e os indicadores sociais têm demonstrado que o avanço da América do Sul é o maior de muitas e muitas décadas. Aos poucos, os pobres vão sendo menos pobres. Aos poucos, as pessoas vão tendo direito àquilo que lhes foi negado durante praticamente todo o século XX. Muitos governantes estavam convencidos de que o pobre era pobre e que portanto, era preciso governar para uma parcela da sociedade que tinha poder de pressão. E para o povo pobre... ele não tinha capacidade de organização, não tinha capacidade de pressão, “vamos fazendo o que é possível”.

Eu, ontem, estava em um comício inaugurando uma obra com o Evo Morales e eu dizia ao ministro que estava ao meu lado: olha a cara do povo indígena da Bolívia, olha o sofrimento a que essas pessoas foram submetidas votando em pessoas que não falavam nem espanhol, votando em gente que tinha os olhos verdes, em gente que freqüentava mais Miami do que seu próprio país.

A vitória do Evo foi quase a consagração de um povo oprimido, na América Latina, tanto no Brasil como na América espanhola, desde que os espanhóis e os portugueses chegaram aqui. Eu dizia para o meu companheiro: essa gente, ao votar em Evo Morales, deu o grande grito de independência que esteve sufocando a população indígena durante cinco séculos. E eu sei de todos os preconceitos de que o Evo foi vítima, mas sou parte viva da história a testemunhar que nunca aquele povo foi tratado com o carinho, com o respeito e com a determinação com que o companheiro Evo tem tratado os índios da Bolívia.

Eu acompanhei o começo do teu governo aqui na Venezuela,



acompanhei aquele golpe que te deram aqui e acompanhava muito de perto o que algumas pessoas falavam de você. Eu te disse um dia que eu nunca pensei na vida em ser vítima de alguns setores de comunicação no Brasil, como você foi aqui na Venezuela. E o que aconteceu no Brasil não foi diferente do que aconteceu aqui, do que acontece na Bolívia e do que acontece em muitos países do mundo quando as pessoas que não fazem parte da elite dirigente chegam ao poder. Aí começam a se incomodar com as coisas boas que nós fazemos.

Os empresários brasileiros, Chávez, sabem do carinho que o meu governo tem dado à Venezuela e sabem o quanto eu tenho incentivado eles a visitarem a Venezuela. Alguns falavam assim para mim: “Mas nós vamos para a Venezuela fazer uma fábrica e depois o Chávez vai tomar a fábrica?” Quantos falaram... Quantas vezes eu conversei com o Emílio... Estou vendo o Emílio escondido atrás das câmeras aí.

Por que eu tenho incentivado os empresários brasileiros a virem aqui? Porque também eu tenho consciência de que é muito bom para o Brasil que a Venezuela esteja desenvolvida. É muito importante para que a gente possa construir uma balança comercial equilibrada, e as empresas brasileiras se instalando aqui na Venezuela e produzindo aqui, não vão apenas atender ao mercado venezuelano. Vão exportar parte da produção para outros países e para o Brasil também, para que a gente não tenha uma balança comercial muito vantajosa para o Brasil, como nós temos hoje. A relação comercial é muito importante quando há um equilíbrio, e a Venezuela não tinha muita opção se não houvesse essa determinação do governo de industrializar a Venezuela, porque ou compra do Brasil ou compra dos Estados Unidos. Ideologicamente é mais correto comprar do Brasil. Ou compra da Europa ou compra do Japão...

Mas nós que fazemos parte do governo brasileiro, e foi essa a idéia da construção da Refinaria Abreu e Lima, é para que a gente possa importar



coisas da Venezuela, para que a gente possa equilibrar as nossas relações, e para que a Venezuela não fique a vida inteira dependendo apenas do petróleo.

Eu me lembro de uma conversa que eu tive com o presidente Chávez, quando ele me levou a uma base militar para me mostrar, orgulhosamente, os Sukhoi que ele tinha comprado. Ao mesmo tempo, tinha uma crise alimentar, faltavam muitos produtos no mercado da Venezuela. Eu me lembro que eu falei com o Chávez que no hotel em que a gente estava não tinha leite. E eu dizia para o companheiro Chávez: Chávez, o Brasil pode ajudar a Venezuela a fazer uma revolução (incompreensível). Para nós, seria mais interessante continuar vendendo produtos, mas para nós, também, qualquer país, seja ele pobre ou rico, tem que ter na segurança alimentar condição, eu diria, de prioridade para defender a sua soberania nacional, para defender os interesses estratégicos do Estado. E aqui fizemos um acordo, e veio para cá a Embrapa, um instituto de pesquisas no Brasil, na verdade uma empresa brasileira de pesquisas que é motivo de orgulho para o Brasil e motivo de orgulho para o mundo, porque é a empresa que detém a mais importante tecnologia na agricultura tropical do mundo. Aqui na Venezuela tem tudo o que Deus quer que tenha um país para produzir alimentos. Tem terra, tem água, tem sol. O que precisa apenas é plantar, e para plantar precisa o quê? Tecnologia, e é isso o que está acontecendo. E eu saio daqui, Chávez, muito orgulhoso com esse projeto que estamos visitando.

Segundo, a questão industrial. Instalamos também em Caracas, em um acordo que fizemos, a ABDI, uma instituição brasileira com experiência em elaboração de projetos industriais, para ajudar com conhecimento e com experiência para que a Venezuela possa montar o seu parque industrial. Com o petróleo que tem, com autossuficiência na agricultura e com um bom parque industrial a Venezuela, certamente, sofrerá nos próximos anos uma transformação que deixará muita gente com inveja do que o teu governo conseguiu fazer na Venezuela. Por isso estamos aqui, com ministros, com



empresários, consolidando a nossa relação política, a nossa relação comercial e também a nossa relação cultural.

Eu estou convencido, presidente Chávez, que o que nós conquistamos até agora será irreversível. Muito mais difícil foi quando Pérez Alfonso, pela primeira vez ministro do petróleo aqui neste país, tentou dizer que os americanos precisariam pagar um pouco mais pelo petróleo, porque pulou de US\$ 2 para US\$ 10, de 10 para 40, de 40 para a Opep, e hoje a Venezuela pode dizer de forma categórica que ela é definitivamente “dona do seu nariz” e dona do seu petróleo.

Não há valor mais importante para um governante e para uma nação, do que levantar de manhã e perceber que somos um pouco mais independentes, que somos um pouco mais donos de nossas coisas e que podemos fazer um pouco mais pelas pessoas que são a razão da nossa existência no governo.

Mas tudo, Rafael, estava maravilhoso... meu caro Gabrielli, quando o petróleo estava US\$ 150 o barril. Hoje eu vi pela manhã na televisão, o Brent está a US\$ 47. Ou seja, em poucos meses subiu de 30 para 150, sem nenhuma explicação, e em pouco tempo desceu de 150 para 30, também sem nenhuma explicação.

Toda vez que eu perguntava ao Gabrielli, ele me dizia: “É o consumo chinês”. Quando na verdade, os chineses continuam consumindo, significa que não eram os chineses, significa que era a especulação com o petróleo no mercado futuro. Como também foi a especulação com a soja e *commodities* no mercado futuro que elevou os preços de forma absurda, gerando uma especulação, que gerou uma bolha que explodiu.

E aí nós percebemos: é a primeira vez na história que a crise não acontece em um país pobre, nem no Brasil, nem na Venezuela, muito menos na Bolívia ou no Haiti. A crise acontece no coração do mundo desenvolvido, que tinha solução para todos os problemas dos nossos países, mas que agora não tem solução para os seus próprios problemas. Aliás, não tem



conhecimento ainda, do conjunto do prejuízo que a crise financeira está trazendo neste momento para o mundo.

O que me preocupa, Presidente Chávez é que não sejamos nós, os países em desenvolvimento, que estávamos crescendo 7, 5, 6, a 4% ao ano. A 9, 12, como a China, e que estávamos permitindo que no século XXI que o povo pobre pudesse ter acesso aos bens essenciais à vida humana, a ter acesso à água potável, a ter acesso à comida, seja a vítima dessa crise da qual nós não temos culpa.

Por isso precisamos chamar o mundo desenvolvido à responsabilidade de encontrar uma solução rápida antes que essa crise possa, novamente, fazer o mundo em desenvolvimento ter o seu desenvolvimento bloqueado, como tivemos nos anos 80 pela dívida externa. Ou seja, o meu País passou 20 anos sem crescer. Outros países, a Argentina, por exemplo, que era um país rico, empobreceu com os 20 anos de dívida externa. Quando nos libertamos de tudo isso, vem essa crise financeira. E eu espero que o Presidente Obama, que vai tomar posse hoje ou amanhã? Segunda-feira? Ah, *Lunes*? Que vai tomar posse... eu espero que Deus coloque a mão na cabeça dele e que lhe dê inteligência e sensibilidade para que ele perceba que tem que resolver essa crise logo, que não pode permitir que os países pequenos da América Latina, do Caribe, que dependem quase que exclusivamente das exportações para os Estados Unidos, sofram por uma crise que não pagaram.

Que o presidente Obama possa olhar para a América Latina com um olhar democrático, com um olhar de simpatia, não vendo aqui nada do que eles viram nos anos 60. Que veja aqui uma região que aprendeu a conviver na democracia, que aprendeu a se desenvolver, que aprendeu a cuidar dos pobres, e que por isso os Estados Unidos precisariam olhar para a América Latina com um olhar de desenvolvimento, com um olhar de investimento, com um olhar... um olhar de chefe de Estado sem preconceito. Que olhe para Cuba. E Cuba não precisa de nenhum favor. Cuba não precisa fazer nenhum gesto, é



só colocar fim a um bloqueio perverso que proibiu que a Revolução Cubana seguisse a sua trajetória normal.

Eu fico imaginando um país com uma formação acadêmica que Cuba tem, com a qualidade da escola em Cuba, se não tivesse o bloqueio, que país extraordinário e desenvolvido seria Cuba. E portanto, não existe mais explicação, não existe nenhuma explicação – nem política, nem sociológica, nem ideológica, nem científica – para que o bloqueio continue, é apenas uma questão de gesto. Até porque o presidente Obama ganhou as eleições junto aos cubanos que moram em Miami.

Eu diria, Chávez, que a Venezuela tem uma importância extraordinária nesse momento que foi marcado por divergências entre o teu governo e o governo Bush. Eu penso que em algum momento, você e Obama vão se encontrar. Acho que Evo e Obama vão ter que se encontrar. Porque eu não vejo o Obama como um presidente normal para os Estados Unidos. Eu vejo o fato do povo americano ter feito com que um negro fosse eleito Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, é um gesto extraordinário, e eu penso que o Obama tem que transformar esse gesto do povo americano em um gesto de transcendência da política americana para a América Latina, respeitando a nossa soberania, as nossas democracias e uma convivência igualitária entre nós.

Certamente nós vamos ter chance de conversar com o presidente Obama. E certamente temos que conversar antes que o aparelho de Estado tome conta, porque você sabe que a máquina é poderosa e que se a gente não lutar contra ela, ela come a gente em pouco tempo e nós não fazemos aquilo que queríamos fazer. A máquina é capaz de fazer de nós uma coisa diferente daquilo que a gente pensava ser quando chegasse à Presidência da República.

Pois bem, meu amigo e companheiro, eu estou dizendo essas palavras porque para mim o significado de termos chegado até onde chegamos é uma marca histórica que a nossa geração conseguiu produzir na América do Sul.



Espero que outros melhores venham e que a América do Sul nunca mais retroceda, que ela avance cada vez mais e que o povo pobre da América do Sul possa conseguir, no século XXI, conhecer a qualidade de vida e a dignidade que muitas vezes não foram permitidas a ele no século XX.

Saio daqui, Chávez, com a convicção de que a partir dos acordos firmados aqui e outros acordos firmados em outro momento, vão permitir que a Venezuela se transforme numa grande nação capaz de garantir que cada prato de comida do povo venezuelano possa ser plantado pelas mãos do povo venezuelano.

Eu vi o orgulho daquelas mulheres que estavam plantando tomate; eu vi com orgulho o processo de irrigação que está acontecendo aqui; vi com orgulho o canal que vai ser a base do desenvolvimento disto aqui. Agora, junto com este projeto tem que ter um processo de transformação, um processo de industrialização para que a gente possa baratear o preço do tomate. Eu perguntei para o Chávez quanto custava o quilo de tomate, e ele me disse que no mercado, fora, está por volta de US\$ 5 e que aqui dentro é mais barato para a comunidade. Ele mesmo me disse: “Só tem uma explicação para isso: a demanda é maior do que a capacidade de oferta. No dia em que a gente estiver plantando tomate para todo mundo, o preço vai cair e vai cair substancialmente”. Assim vale para o frango, assim vale para a carne bovina, assim vale para o milho, para o arroz, para a soja, e eu estou convencido, Chávez, de que nos próximos dez anos, quem vier à Venezuela vai ver uma mudança extraordinária na economia venezuelana. Não vai ver aquela economia de um país rico em petróleo, vendendo apenas para um outro país e depois gastando o dinheiro do petróleo comprando o que comer de um país importador de petróleo.

Eu acho que você escolheu o caminho certo. O petróleo é muito importante (falha na gravação) ajudar a transformar a economia da Venezuela, sobretudo para aqueles que não se utilizam do petróleo, para aqueles que não



trabalham nas empresas de petróleo. Mas para aqueles que estavam aqui no território da Venezuela sonhando durante séculos: quando é que o dinheiro do petróleo vai chegar até nós? E o que vocês estão fazendo é fazer com que esse dinheiro chegue em forma de oportunidades, de empregos, de distribuição de renda e de melhoria da qualidade de vida do povo da Venezuela. Por isso, meu companheiro, tenha certeza de que o Brasil, em qualquer momento, será sempre um parceiro da Venezuela.

Quero, Chávez, terminar dizendo a você que tenha a nossa solidariedade e que a nossa equipe de acompanhamento, acompanhe com muito carinho os acordos que foram firmados aqui. Que os nossos embaixadores acompanhem, para que a gente possa na próxima reunião, que será no Brasil, perceber que houve avanços nos acordos que fizemos hoje.

Quero desejar aos companheiros da Venezuela toda a sorte do mundo e que a Venezuela conquiste o espaço a que ela tem direito na América do Sul e no mundo.

Boa sorte.

**Jornalista:** O que falta para que o Congresso Nacional do Brasil e da Venezuela aprove para o ingresso da Venezuela no Mercosul?

**Presidente:** Não é a única coisa que demora para ser votada no Congresso Nacional Brasileiro e em outros Congressos. Muitas vezes fazemos um acordo internacional e a tramitação dentro do Congresso Nacional demora o tempo de funcionamento das Comissões e, muitas vezes, demora um pouco mais do que aquilo que nós gostaríamos que demorasse. Finalmente, no final do ano, a Câmara dos Deputados votou e aprovou a entrada da Venezuela no Mercosul. O Senado começa a funcionar em fevereiro e eu penso que, no mais tardar, no mês de março, o Senado brasileiro votará a entrada da Venezuela no Mercosul. Eu penso que é uma vontade da Venezuela, é uma vontade do



Mercosul e eu acho que ela será concluída no máximo até o mês de março.

**Presidente Chávez:** Agora vem o Senado, depois é Carnaval. Tu vai pular carnaval?

**Presidente:** Vou para o Rio de Janeiro.

**Presidente Chávez:** Me convida que eu vou.

**Presidente:** (incompreensível)

**Presidente Chávez:** (incompreensível)

**Presidente:** Vou ver a Beija-Flor, que é...

\_\_\_\_\_ : A minha escola é a Mangueira. Só conheço ela, mas é muito boa. Me parece extraordinária a notícia e vai ter muitos resultados. Imaginem vocês, empresários brasileiros, sem ter entrado formalmente no Mercosul, com tudo o que isso implica, com todas as normas, já chegamos a uma relação bilateral muito grande, como será nossa relação quando formos membros plenos do Mercosul? Ficamos muito felizes com essa notícia.

**Jornalista:** ...Bolívia e outros países cortaram relações com Israel. Já são 1.500 mortos, entre mulheres e crianças, na Faixa de Gaza. O senhor se pronunciará em relação a isso que está acontecendo?

**Presidente:** O Brasil tomou uma posição oficial de condenação à violência que está acontecendo na Faixa de Gaza. Faz uma semana que o meu Ministro das Relações Exteriores tem visitado todos os países – Jordânia, Síria, Egito, Israel



e Palestina – na perspectiva de convencer as pessoas de que esse conflito precisa parar de uma vez por todas. O que acontece é que eu acho que a ONU está enfraquecida e debilitada. Há 15 anos estamos reivindicando que seja mudado o funcionamento do Conselho de Segurança das Nações Unidas, e que se coloque mais países representando mais continentes para que tenha mais legitimidade e que as decisões sejam cumpridas, porque senão a ONU vai se desmoralizando aos olhos da opinião pública mundial. Tem uma posição contra a guerra do Iraque e os Estados Unidos invadem o Iraque. Tem uma posição pela paz em Israel e Israel continua no conflito com o Hamas.

Eu acho que o Brasil é um exemplo de convivência pacífica entre árabes e judeus. Nós temos aproximadamente 10 milhões de árabes no Brasil, temos algumas centenas de milhares de judeus no Brasil, que obviamente não têm nenhuma culpa pela insanidade daqueles que tomam as decisões de atirar em gente inocente.

O dado concreto é que quando as pessoas entendem que podem se dar o direito de atirar uns nos outros, todos perdem a razão: nem Hamas e nem Israel têm razão. O que precisa é que ali haja paz, porque o povo palestino lutou muito tempo para construir o seu Estado, para viverem mais e melhor, e não para morrer como estão morrendo.

O Brasil está tentando criar as condições para que o grupo que se reuniu em Annapolis volte a se reunir. É preciso mudar os interlocutores que estão negociando, não pode ser apenas os Estados Unidos ou um outro país, é preciso que estejam mais países participando. E a primeira coisa que nós temos que fazer é garantir que sejam resolvidos os conflitos internos. A Autoridade Palestina não pode negociar a paz se o Hamas não concorda com a paz. Ou seja, é preciso construir a unidade tanto em Israel quanto na Palestina para que se possa construir a paz, envolvendo tanto quantos países for necessário. É assim que eu acho que deve ser resolvido este conflito que está acontecendo.



Já condenamos, inclusive, a posição de Israel, que tem uma força militar muito forte e há uma desproporcionalidade. Ficaria muito mais barato para todos se sentassem em volta de uma mesa e respeitassem o Estado Palestino e o Estado de Israel. Seria muito mais fácil construir duas novas pátrias que se desenvolvessem e que pudessem viver em paz. Não acredito que o antagonismo e a confrontação ajudem quem quer que seja, a não ser os vendedores de armas do mundo ou quem quer a guerra no Oriente Médio.

(\$31FGJLMQ)